

A LIÇÃO DO BARDO

O que não faz um bom roteiro. Num momento em que o cinema parece estar carente de idéias criativas, *Shakespeare Apaixonado* sai-se com uma deliciosa fantasia sobre o velho William. A mente por trás disso é Tom Stoppard, um dos mais inteligentes dramaturgos de língua inglesa da atualidade. Aqui ele faz sua segunda incursão cinematográfica no mundo de Shakespeare, depois de lançar novas luzes sobre Hamlet com *Rosencratz e Guildenstern Estão Mortos*. Ele divide a autoria com Marc Norman, que provavelmente se ocupou de lapidar a história e adequá-la à indústria. A grande sacada do roteiro é que ele foi concebido no melhor estilo das comédias shakespearianas. Está tudo lá: a troca de identidades, as coincidências, a fina ironia e até a intervenção conciliatória da Rainha como um genuíno deus-ex-machina. É um roteiro que poderia muito bem ter saído da pena do Bardo.

O roteiro, claro, não é tudo. Há os atores também, e eles formam um quadro impecável dentro do filme. Na dúvida de que o par central não conseguisse segurar, cercaram-no de medalhões como Judi Dench e Geoffrey Rush. Mas, por incrível que pareça, os dois rostinhos fizeram além do esperado, e revelou-se uma Gwyneth Paltrow especialmente iluminada. Da posse de um roteiro desses e de bons atores, não resta muito para o diretor John Madden. Tomando o cuidado de não estragar o que já está bom, optou por uma direção segura e correta, que em nada compromete o produto final.

Naquilo que se propõe, *Shakespeare Apaixonado* é um dos filmes mais felizes da última safra. Diverte sem se valer da estupidez, oscilando fluentemente entre o humor de qualidade e o pastelão. E dá-se ao luxo de inside jokes que um americano gordinho com a boca cheia de pipoca não entenderia. Da mesma forma, ele também não entenderia o profundo amor pelo teatro que o filme revela. Muito além da diversão reside uma bela homenagem à arte dramática e a seu processo criativo. Ousa mostrar um Shakespeare em crise, num momento em que só a experiência pode levá-lo à arte. E mais uma vez entramos no conhecido terreno onde a vida e arte se misturam. Shakespeare sabia melhor do que ninguém o quanto o teatro estava impregnado de vida e, da mesma forma, quanto de teatro havia na vida. A diversão torna-se então um mero pretexto para conduzir-nos a maiores reflexões. Comédias dessa inteligência são escassas nos dias de hoje, o que nos faz crer que a lição do velho Bardo já foi esquecida. Só mesmo um filme sobre ele para lembrar-nos de que isso ainda é possível.

Xavier Bartaburu

